

A UTILIZAÇÃO DOS CONTOS COMO DISPOSITIVOS CLÍNICOS NO ATENDIMENTO COM ADULTOS

Fernanda Martines Parra Machado (IC) e Bruna Praxedes Yamamoto de Freitas (Orientadora)

Apoio: PIVIC Mackenzie

RESUMO

Ao longo de seu amadurecimento, uma pessoa utiliza de diversos instrumentos para aprender questões de variados âmbitos, sendo os Contos de Fadas um desses instrumentos, presentes na vida de qualquer indivíduo. O presente estudo busca analisar o potencial terapêutico existente nos contos de fadas na utilização com adultos, através de uma revisão bibliográfica de artigos e livros que discorrem sobre o tema. A pesquisa traz uma revisão histórica dos contos de fadas, desde seu provável surgimento, considerando as alterações sofridas pelo tempo, até as versões mais conhecidas atualmente, como os filmes em *live action*, que revivem estas histórias como outra forma de serem contadas. A importância dos contos de fadas para o desenvolvimento e aprendizado das crianças é conhecida por todos, sendo importante para sua educação o contato com tais histórias, independente se ocorra através de livros ou filmes. Porém, ao longo do tempo, estas histórias foram censuradas e amenizadas como forma de afastá-las do mundo adulto e reduzidas apenas à infância. Contudo, estudos mostram que os contos de fadas são capazes de produzir grandes benefícios e avanços em um processo psicoterapêutico com adultos, devido sua capacidade de comunicação lúdica, possibilitando falarem de si através de personagens dos contos, além de fazê-lo chegar mais longe e expressar mais profundamente seus anseios.

Palavras-chave: psicoterapia; contos de fadas; adultos

ABSTRACT

Throughout their maturation, a person uses different instruments to learn about different areas. Fairy Tales may be one of these instruments, present in the life of any individual. The following study seeks to analyze the therapeutic potential of those fairy tales when used with adults, through a bibliographical review of articles and books that discuss the subject. The research brings a historical review of fairy tales, from their first appearance, considering the changes suffered by time, to the most popular versions nowadays, such as live action films, which revive these stories as another way of being told. The importance of fairy tales for the development and learning of children is well-known, and to be in touch with

such stories is important for their education, regardless of whether it occurs through books or movies. However, over time, these stories were censored and softened as a way to keep them away from the adult world and reduced to childhood only. However, studies show that fairy tales are capable of producing great benefits and advances in a psychotherapeutic process with adults, due to their capacity of playful communication, allowing them to talk about themselves through characters of the tales, in addition to making them reach further and express their desires more deeply.

Keywords: psychotherapy; fairy tale; adults

1. INTRODUÇÃO

Ao longo de seu amadurecimento, uma pessoa utiliza de diversos instrumentos para aprender questões de variados âmbitos, sendo os Contos de Fadas um desses instrumentos, presentes na vida de qualquer indivíduo. A importância dos contos de fadas no desenvolvimento infantil é citada por muitos autores (Bettelheim, 2020; Corso & Corso, 2006, 2009), sendo o momento em que eles se fazem mais presentes, porém, a partir de certo ponto, essa relação do homem com as histórias encantadoras é rompida, criando-se uma barreira que impede o jovem de continuar utilizando as histórias em sua vida. Com isso, os contos de fadas ficam restritos socialmente a uma faixa etária, sendo conhecidos por todos, mas apreciados apenas pelos mais novos.

Como uma tentativa de reintroduzir os adultos no meio das histórias encantadas, começaram a ser produzidos filmes *live action*, que recontam histórias já conhecidas e amadas através de atores ou computação gráfica que atribui aos personagens aparência mais real. Apesar de Alice no país das maravilhas, de 2010, ser o primeiro *live action* de sucesso, a popularização desta produção ocorreu principalmente por conta do filme Malévola, em 2014, que, além de ser um *live action*, também é uma releitura do conto da Bela Adormecida. Ao longo dos anos tal modalidade foi crescendo cada vez mais, como Cinderela, Branca de Neve (com as versões “Espelho, espelho meu” e “Branca de Neve e o caçador”, ambos de 2012), Aladdin (2019), Dumbo (2019) e O rei leão (2019). Além desses, foi criada a série Once Upon a Time (2011), traduzida como “Era uma vez” (frase famosa nos contos de fadas), que reúne diversos contos de fadas apresentados a partir do mundo real.

Esse movimento foi uma forma de reinserir os contos de fadas na vida dos adultos, e teve grande sucesso devido a carga emotiva que essas histórias têm nos indivíduos, por serem muito ligadas à infância e trazerem uma grande nostalgia ao serem lembradas. Além disso, algumas dessas produções possuem certos elementos mais sombrios, tornando a história menos infantil e idealizada, como Malévola, Branca de Neve e o Caçador e João e Maria: caçadores de bruxas, que alteram a história em alguns pontos e introduzem questões como a morte em seus roteiros. (Junior & Thies, 2021)

A psicanálise sempre teve interesse em acessar o inconsciente de diversas formas, assim, os contos mostraram-se uma dessas formas. Hisada (2007) diz que Freud analisou um sonho fazendo uso de um conto e percebeu certa semelhança de contos de fadas com os dilemas humanos. Sendo assim, a real função dos contos de fadas na vida de indivíduos, crianças e adultos, é permitir acesso aos conteúdos inconscientes (Peroni, 2020).

Hisada (2007) é uma das pesquisadoras que defende o uso dos contos com adultos, podendo operar como um recurso para diminuição da angústia persecutória, principalmente com este público, aproximando-os de suas dificuldades, devido à possibilidade de as histórias fazerem o indivíduo reviver aspectos mais primitivos a partir de um contexto lúdico. Essa perspectiva beneficiaria aqueles adultos que não tiveram a experiência com o brincar e, por consequência, apresentam falhas no desenvolvimento.

Pensando nisso, este estudo surge para ressaltar a importância dos contos não apenas para as crianças, mas para os jovens e adultos também. Superando o tabu criado com as histórias infantis, há a necessidade de pensar na importância que os contos têm na vida de adultos e nas possibilidades de sua utilização na clínica. Os contos de fadas possuem origens mais antigas do que se pode imaginar e sofreram diversas alterações e adaptações para adequar-se à realidade em que estão presentes, dessa forma, é preciso pensar em como suas versões originais e modernas se relacionam e assemelham, tornando possível seu entendimento em ambos os modelos.

2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

Histórico sobre os contos de fadas e os contos na atualidade

Considerando que um indivíduo tenha um desenvolvimento saudável em nossa sociedade, os contos de fadas são descobertos por eles ao mesmo tempo que descobrem a si mesmos, pois se fazem presentes desde sua primeira infância através de diversos meios, seja por histórias contadas pelos seus pais, professores, pessoas próximas ou em filmes, no mundo moderno. De qualquer forma, todos têm uma concepção do que são os contos de fadas e o que os determinam,

os contos de fadas distinguem-se das demais histórias infantis por características como o uso de magia e encantamentos, um núcleo problemático existencial no qual o herói ou a heroína busca sua realização pessoal e, finalmente, a existência de obstáculos a serem enfrentados pelos heróis (Caldin, 2002; Oliveira, 2001; Radino, 2003; Turkel, 2002, apud Schneider & Torossian, 2009)

Alguns investigadores apontam a semelhança que os contos de fadas possuem com os mitos devido à presença, em ambos, da realização de desejos, a vitória sobre todos os competidores e a destruição de inimigos. Além disso, afirmam que o atrativo dessas literaturas é que elas exprimem o que normalmente é impedido de chegar à consciência. Apesar disso, é importante ressaltar os pontos que diferem esses gêneros, pois, embora ambos possuam

acontecimentos fantásticos e figuras heroicas, a forma como são comunicados é extremamente diferente. O mito transmite ao ouvinte ou leitor a ideia de que aqueles acontecimentos só poderiam ocorrer com o herói da história, sendo grandiosos e admiráveis, impossíveis de serem realizados por um mortal. Já nos contos de fadas, apesar de possuir a mesma medida de acontecimentos fantásticos, é transmitido ao leitor de que são situações comuns, que poderiam acontecer a qualquer indivíduo. Outra diferença crucial está no final das histórias, pois, enquanto nos mitos o final é quase sempre trágico, nos contos de fadas o final feliz é imprescindível. (Bettelheim, 2020)

A partir das histórias consideradas contos de fadas, pensando nos elementos descritos por Bettelheim (2020), observa-se a existência de conteúdos pertencentes ao mundo infantil, como temas sobre o abandono, medo de perder os pais, temáticas sobre a morte, entre outros, assim, essas histórias passaram a ser designadas socialmente apenas a esse público. Dessa forma, é encontrado diversos estudos a respeito de sua importância no desenvolvimento infantil, em áreas como a Pedagogia e a Psicologia, principalmente a psicanálise (Falconi & Farago, 2015). Porém, ao se pensar na história do surgimento dos contos de fadas, esse contexto não se mantém.

Não se tem conhecimento do momento exato do surgimento dos contos de fadas, que parecem sempre ter estado presente na sociedade, porém é estimado que possuem origem celta, aparecendo, inicialmente, como poemas (Falconi & Farago, 2015). Foram popularizados e disseminados séculos atrás por meio de encontros ao redor de fogueiras e espaços em que adultos se reuniam, como campos de lavouras, nas salas de fiar e casas de chá, trazendo conteúdos que foram excluídos do universo infantil, como cenas de adultério, canibalismo, incesto, mortes hediondas e outros componentes do imaginário dos adultos, narrando o destino dos homens, suas dificuldades, seus sentimentos, suas inter-relações e suas crenças no sobrenatural (Schneider & Torossian, 2009). Os contos de fadas os ajudavam, oferecendo oportunidade de expressarem seus sentimentos, aliviando-os de uma tensão interna e os tornando livres de certas emoções. Não havia, neste momento, a preocupação com o registro das histórias, que eram apenas memorizadas pela população e passadas oralmente de geração para geração. A importância ao registro linguístico surge no século XIX, através de Jacob e Wilhelm Grimm, que passaram a estudar os contextos dos contos (Falconi & Farago, 2015).

Na sociedade pré-revolução industrial, não havia um entendimento da infância, as crianças eram vistas apenas como pequenos adultos, convivendo nos mesmos ambientes e possuindo algumas responsabilidades, como o trabalho. Nessa época, a mortalidade infantil era muito alta, sendo assim, o vínculo de adultos com as crianças era restringido. Após esse

período, percebeu-se que a infância é uma fase com suas especificidades e demandas, devendo ser tratada corretamente, o que gerou muitos estudos sobre essa fase da vida.

Segundo Falconi e Farago (2015), Perrault foi o primeiro grande nome nas produções de contos de fadas, coletando narrativas transmitidas oralmente através de gerações, observando que elas se modificam de acordo com o panorama sociológico da mentalidade de uma determinada época, na qual suas origens se perdiam na poeira dos tempos.

Perrault utilizava em suas transcrições personagens humildes, como lenhadores, serviçais, aldeões, damas e cavalheiros. Os elementos mais conhecidos hoje só apareceram nas obras de Grimm, como os príncipes, madrastas e bruxas. Os contos de Perrault não eram destinados a um público específico e eram sempre implementados com uma mensagem moral explícita, geralmente colocada ao final da história em forma de versos. (Falconi & Farago, 2015)

Assim como Perrault, os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm também foram responsáveis por coletar e transcrever contos populares da época, através de viagens pelo interior da Alemanha, coletando também dados linguísticos nas fontes (Falconi & Farago, 2015). Publicaram cerca de 210 histórias em três volumes para crianças e adultos, sendo os mais conhecidos traduzidos para o português A Bela e a Fera, Branca de Neve, Chapeuzinho Vermelho e Gata Borralheira. São atualmente os nomes mais populares dos representantes de contos de fadas antigos, sendo conhecidos principalmente por suas versões mais sombrias e explícitas das histórias, algo que teve que ser retirado de suas publicações voltadas ao público infantil devido a influência cristã consolidada na época (Schneider & Torossian, 2009).

Os contos de fadas passaram a ser destinados especificamente ao público infantil apenas através de Andersen, que, além de transcrever contos adaptando-os diretamente às crianças, também criava suas próprias histórias infantis, conservando sua visão poética e melancólica (Falconi & Farago, 2015). Baseava-se no sofrimento encontrado em crianças menos favorecidas para a criação de suas histórias, considerando importantes três vértices inéditos: a criança retratada por meio de personagens, brinquedos que ganham vidas e histórias nas quais o papel principal é ocupado por uma criança.

Já no Brasil e Portugal, os contos de fadas como são conhecidos hoje surgiram por volta do final do século XIX, chamadas de “Contos da Carochinha”, significando carocha ou bruxa, o que atribuía às histórias uma conotação de mentira. Passaram a ser conhecidas como contos de fadas somente no final do século seguinte, tendo como principal autor Monteiro Lobato, com bonecas falantes e sabugos de milho que se transformam em cientistas, em Sítio do Picapau Amarelo, além de outros diversos títulos destinados ao público infantil,

responsável por influenciar autores contemporâneos como Ziraldo, Ana Maria Machado e Ruth Rocha. (Schneider & Torossian, 2009)

Segundo Falconi e Farago (2015), “a construção dos contos de fadas ainda continua, embora tenha sofrido várias mudanças para atender as exigências da linguagem moderna.” (p. 94), dessa forma, é importante pensar nas mudanças que os contos sofreram para que se adequassem às demandas da população moderna, atualizando-se. Geralmente, os contos de fadas são associados aos produtos dos estúdios Disney, responsáveis por diversas criações de contos, principalmente filmes, disseminando-os pela popularização do recurso midiático quando surgiu.

A animação da história da Branca de Neve, chamada de “Branca de Neve e os Sete Anões” foi o primeiro longa-metragem da Disney, produzido em 1937, sendo uma versão adaptada da história dos Grimms. Porém, segundo Tatar (2003 apud Junior & Thies, 2021) “tornou-se uma força cultural tão dominante que virtualmente apagou todas as outras versões da história, inclusive a dos Grimm”. (p. 11)

A importância e influência da Disney na população gerou impactos no imaginário coletivo, criando o entendimento de que outras produções, como Peter Pan, Alice no País das Maravilhas e O Mágico de Oz, estão inseridas no núcleo de contos de fadas, apesar de não poderem ser consideradas. É disseminado o entendimento de que quaisquer histórias que não sejam rigorosamente realistas são consideradas contos de fadas, segundo Nikolajeva (2003, apud Junior & Thies, 2021)

Ainda assim, muitos elementos das histórias originais, principalmente dos contos dos Grimms e de Andersen, foram disseminados e são lembrados ainda hoje, como visto no artigo “Em busca dos contos de fadas na contemporaneidade”, de Junior e Thies (2021), em que os sujeitos do grupo analisado relembram diversos elementos de tais histórias.

Atualmente, há uma onda de novas produções cinematográficas de adaptações de contos de fadas mais voltados ao público adulto, com uma visão mais realista e sombria das histórias. É possível pensar que isso tem ocorrido em uma intenção de fazer com que as histórias deixem de ser unicamente infantis, além de trazer ao adulto uma nostalgia de relembrar aquilo que é um grande representante de sua infância. Algumas dessas versões tiveram grande sucesso de bilheteria, podendo ser relacionado justamente com a memória afetiva dessas histórias.

Em ordem cronológica, a primeira releitura adaptada para cinemas em estilo *live action* mais conhecida foi o filme A garota da capa vermelha (2011), baseado no livro de mesmo nome, que é uma releitura de Chapeuzinho Vermelho. O filme traz diversos aspectos que pesam a temática do filme, como cenas de morte, tortura, assédio e adultério, assuntos que

costumavam estar nos contos orais para adultos. Além disso, a história traz um elemento de outro mito muito famoso e tema de muitas histórias, a licantropia, o que também é mostrado na série Once Upon a Time, havendo a ambivalência onde um ser é tanto homem quanto lobo.

O conto da Branca de Neve também possui mais de uma adaptação, mas a que mais se encaixa no aspecto abordado é o filme "Branca de Neve e o Caçador", de 2012, com muitos temas perturbadores, como a mutilação de crianças. Nessa versão, Branca de Neve se mostra uma lutadora e líder e é mostrado um mundo mágico digno de contos de fadas. Além disso, um elemento importante dessa versão é o final em que a princesa fica com o caçador, destinado inicialmente a matá-la, e não com o príncipe, mostrando a dualidade nos personagens, não apenas bons ou maus.

Esse elemento também é de extrema importância no filme Malévola, de 2014, releitura de A Bela Adormecida, com enfoque na vilã, que é principalmente caracterizada por ser tanto boa quanto má, não apenas uma coisa, apontando também seus motivos para sua vilania, mostrados no começo do filme, que conta desde a infância da vilã, história original da Disney. Além disso, diferentemente das demais produções do estúdio, o filme tem enfoque na relação da vilã com a heroína da versão original, Aurora, e em como ela se desenvolve, o que resultou no fato de que a própria Malévola, que amaldiçoou a princesa, torna-se sua salvação.

Segundo Tavares (2018), Angelina Jolie, atriz que interpreta a personagem Malévola, afirmou que a cena no filme em que Malévola tem suas asas cortadas foi construída como uma metáfora a um abuso sexual sofrido por mulheres, ao ter seu corpo violado. Essa ideia traz o entendimento de que o filme, ao ser pensado para adultos, insere uma maior profundidade aos elementos da nossa realidade, gerando mais impacto nos seus espectadores. Pensando nisso, há também a representação, no segundo filme, da discriminação dos humanos com um povo diferente do seu, fazendo referência a diversos problemas sociais atuais.

Outra das releituras cinematográficas famosas é o filme João e Maria - caçadores de bruxas, de 2014, baseado no conto de fadas de João e Maria, com acréscimo de elementos macabros e efeitos visuais tornando as bruxas, vilãs da história, mais horrendas. O longa também insere a existência de personagens chamadas de "bruxas boas", trazendo uma contradição devido a concepção existente no termo "bruxa" com uma visão negativa, algo que ocorre também em O Mágico de Oz, podendo ser considerado um elemento moderno. Além disso, um importante elemento presente nesta versão é a condição de diabético de João, adicionando à história uma maior veracidade, apesar de exagerada, considerando a grande ingestão de doces em sua infância, uma das possíveis causas da doença.

Alguns contos, como Cinderella, tiveram diversas adaptações ao longo dos anos, tendo inclusive uma versão brasileira chamada Cinderela Pop, e um musical com a artista Camila Cabello, ambos de 2021, porém a considerada mais fiel é a homônima, “Cinderella”, de 2015. Apesar de seu sucesso, é uma adaptação da versão da animação Disney, cheia de magia e final feliz, sem elementos sombrios, mais próxima ao estilo predominante do estúdio.

Ideias divergentes entre Bruno Bettelheim e Diana e Mario Corso

Nessa ideia, a presença dos contos de fadas na vida dos indivíduos é tida como imprescindível para o desenvolvimento psicológico. Bettelheim (2020) afirma que a melhor forma que essa apresentação pode ocorrer é através da narrativa, tanto para crianças quanto para adultos de forma terapêutica, pois

Para atingir integralmente suas propensões consoladoras, seus significados simbólicos e, acima de tudo seus significados interpessoais, um conto de fadas deveria ser narrado em vez de lido. Se for lido, deveria ser lido com um envolvimento emocional na história e na criança, com empatia pelo que a história pode significar para ela. Narrar é preferível a ler porque permite maior flexibilidade” (Bettelheim, 2020, p. 215).

Bettelheim (2020) entende que apenas os contos de fadas são capazes de capturar todos os atributos de que as crianças precisam para elaboração de seus dramas, defendendo a importância da inserção dessas histórias na infância. Em contrapartida, Corso e Corso (2006) discordam da concepção de que os contos são o único elemento possível de utilização pelas crianças para entendimento de seus conflitos. Além disso, Bettelheim não defende os contos de fadas indiscriminadamente. Pelo contrário, acreditava na superioridade dos contos originais, em que não havia mudanças e adaptações para o público infantil, sendo veementemente contra as histórias que tiveram seus conteúdos mais sombrios retirados, sendo, atualmente, as mais conhecidas.

O autor considerava os contos de fadas tradicionais como uma matriz mitológica detentora de uma efetividade inigualável, capaz de produzir efeitos ímpares de elaboração dos conflitos infantis. Essa concepção não foi reafirmada por Corso e Corso (2006), que são favoráveis às adaptações dos contos, pois, segundo os autores, os melhores contos de fadas sobreviveram até os tempos atuais, ainda capazes de encantar crianças das gerações de computadores e videogames, além de adultos, uma vez que possuem o poder de simbolizar e solucionar os conflitos psíquicos inconscientes, assim como os contos antigos faziam com crianças na época que surgiram. Sendo assim, do ponto de vista do ouvinte, a datação das

histórias não altera a influência que possuem em suas vidas, podendo ser antigas ou contemporâneas. (Corso & Corso, 2006)

Corso e Corso (2006) afirmam, inclusive, que as alterações e criações por parte dos pais são muito bem-vindas, pois mostram-se como uma oportunidade de movimentar as fantasias que causam sofrimento para as crianças e suas famílias, algo muito criticado por Bettelheim. Os autores defendem a narração de histórias de pais para as crianças, sendo uma maneira de ocuparem o lugar geracional que lhes cabe. Dessa forma, são contra a ideia de Bettelheim de ditar a forma que os pais devem utilizar os contos de fadas, pois consideram importante, sempre que possível, que compartilhem suas fantasias com as crianças. Afirmam que, apesar de não ser possível determinar as motivações ou temas inconscientes abordados nas histórias, todo tipo de fala ou encenação ajuda na elaboração da criança. Os autores utilizam o termo pais suficientemente narradores, que “são capazes de tecer uma teia de sentido em torno das crianças, e ao mesmo tempo deixá-la incompleta para que estas continuem a tarefa de produzir o romance familiar apropriado a suas pequenas vidas.” (Corso & Corso, 2006, p.19)

Outro ponto criticado por Bettelheim é a utilização de ilustrações nos livros, pois afirmava que este recurso serve mais como distração do que contribuição, impedindo os contos de atenderem as necessidades do leitor. As ilustrações, segundo o autor, dirigem a imaginação do indivíduo para um caminho diferente do que se encontraria por conta própria, já que as imagens formadas ao ler algo são afetadas pela subjetividade do indivíduo. Assim, a história ilustrada possui associações visuais de seu produtor, ocasionando na perda de conteúdo de significado pessoal. (Bettelheim, 2020)

Em contrapartida, Corso e Corso (2006) não se posicionam contra a presença de ilustrações em histórias, pois consideram que o contato com histórias imaginadas por outros, assim como suas imagens, ajuda a pensar a existência sobre pontos de vistas diversos, refletindo sobre destinos e visões diferentes. Além disso, criticam a seletividade de Bettelheim ao determinar as imagens que podem influenciar a imaginação da criança, pois estas possuem acesso a diversas ilustrações e representações em sua vida que a modificam, o que acreditam não ser diferente de ilustrações em livros.

Considerando a modernidade e a consagração do cinema muitas décadas atrás, juntamente com as adaptações dos contos populares para as telas, com o primeiro longa metragem da Disney produzido em 1937, e a publicação do livro *A psicanálise dos contos de fadas* nos Estados Unidos em 1977, é de se imaginar que as crianças que Bettelheim atendia tinham conhecimento destes desenhos. Apesar disso, o autor não cita essas produções em seu livro, ignorando-as em sua análise dos contos e de seus efeitos no psiquismo infantil. Isso

acontece devido à sua clara rejeição tanto às modificações dos contos de fadas quanto ao acréscimo de imagens às histórias, ocorrendo ambos nos filmes. (Corso & Corso, 2006)

Para Corso e Corso (2006), estes não são problemas para a desvalorização desses recursos, sendo um importante veículo de transmissão e popularização ainda maior de certas histórias. As imagens, para eles, muitas vezes enriquecem histórias ao carregarem uma mensagem codificada inserida em certo contexto, além disso, os autores esclarecem que não há constatação de empobrecimento das capacidades cognitivas com o uso de telas, desta forma, a utilização correta da tela pode ser favorável para a criança.

Assim, para os autores, a televisão passa a ser prejudicial a partir do momento em que adquire a função de babá da criança, que é deixada em frente a tela sem supervisão, com uma exposição excessiva e indiscriminada e recebendo diversos estímulos, o que pode gerar o vício e outros efeitos negativos. Dessa forma, é importante o entendimento de que, “mais prejudicial do que o suposto malefício das imagens é a omissão paterna que abandona as crianças na frente do aparelho de TV.” (Corso & Corso, 2006, p.167)

Apesar de suas discordâncias sobre os contos, tanto Bettelheim quanto Corso e Corso concordam, sobre a extrema importância da presença destas histórias na infância, e sobre a melhor forma com que estas histórias podem ser utilizadas, defendendo que devem ser contadas ao invés de lidas pelas crianças. Bettelheim (2020) afirmava que uma história contada é preferível por possuir mais flexibilidade do que a leitura. Da mesma forma, Corso e Corso (2006) defendem a utilização do narrar devido a importância dos pais de ocuparem o lugar geracional que lhes cabe, além de mostrar às crianças que concordam com o que está sendo transmitido nos contos.

O processo de ouvir os contos de fadas e falar sobre suas questões torna o sujeito capaz de construir suas próprias narrativas, dessa forma, o ato de contá-las, seja pelos pais a seus filhos ou outro narrador em ambiente familiar, seja também em processo terapêutico, deve ser encarado com seriedade. Através desta ideia, é necessário o entendimento de que uma narrativa sempre será afetada por seu narrador, assim, é importante que este conheça e se identifique com a história que está sendo transmitida. (Tabaral & Port, 2015)

Safra (2011) também faz uso da narrativa de histórias com seus pacientes, porém de forma muito diferente dos autores citados anteriormente. Enquanto Bettelheim (2020) acreditava na necessidade de não se alterar os contos, Safra considerava o oposto, utilizando o método de narrar inserindo-o no contexto da criança e adaptando a narrativa para sua necessidade, nas consultas terapêuticas. Em seu contato tanto com os pais quanto com a criança, apreende as queixas e demandas do paciente e, em conjunto com os pais, produz

uma narrativa, transformada em história, específica para o caso, passando a ser um instrumento terapêutico personalizado para o desenvolvimento psíquico do paciente.

A potencialidade dos contos

Bettelheim (2020) afirma que "o significado da vida não é subitamente adquirido em uma certa idade, nem mesmo quando se alcança a maturidade cronológica" (p. 9), sendo, então, uma construção que ocorre ao longo do desenvolvimento psicológico do indivíduo. Na concepção do autor, a compreensão do significado da vida é o ponto mais importante do desenvolvimento humano, o papel mais difícil da criação de uma criança é ajudá-la a encontrar este significado. Esse entendimento surge através da crença do sujeito de que ele dará uma contribuição significativa para o mundo, ou em seu presente ou em seu futuro, sendo um sentimento de extrema importância para a satisfação do ser consigo mesmo e com o que realiza. Pensando nisso, o impacto dos pais e de outras pessoas que participam de sua criação é o aspecto mais importante para que esse objetivo seja alcançado, seguido pela herança cultural, quando transmitida da maneira correta.

Segundo Bettelheim (2020), a história deve despertar a curiosidade da criança para que prenda sua atenção, além de estimular sua imaginação, ajudando-a a desenvolver seu intelecto e tornar claras suas emoções. É necessário também estar harmonizada com as ansiedades e aspirações da criança, reconhecendo plenamente suas dificuldades e sugerindo soluções para os problemas que a perturbam, sem desconsiderar suas dificuldades e sim, promovendo a confiança em si mesma e em seu futuro.

A contribuição dos contos e benefícios na psicoterapia

Os contos possuem potencial terapêutico desde sua origem, um dos possíveis motivos de sua permanência na sociedade até hoje. Os contos serviam como entretenimento para adultos e crianças, tendo, por esse motivo, a presença de temas comuns ao universo adulto, o que intensificavam a importância e efeito dessas histórias com esse público. Como brevemente comentado, os contos podem ser utilizados de diversas formas no processo terapêutico. Gutfreind (2010, apud Tabaral & Port, 2015) apresenta duas possibilidades de funcionamento dos contos em psicoterapia, existe a possibilidade de que o paciente traga o conto como material, algo realizado por Freud e outros analistas, e a possibilidade do próprio terapeuta propor um conto, como forma de abordar questões do paciente, podendo ocorrer através de histórias já existentes ou da criação de novas histórias durante a sessão, como feito por Safra (2011) e Hisada (2007). Além disso, esses métodos podem ocorrer em diversas

modalidades de tratamento, como terapias de inspiração psicanalítica, terapias de grupo e terapias familiares psicanalíticas, segundo Gutfreind (2010, apud Tabaral & Port, 2015).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As histórias fantásticas estão presentes na vida das pessoas desde sua infância há séculos, em diversos formatos e contextos. Não se tem conhecimento do momento em que os contos de fadas passaram a integrar a vida popular, mas desde seu surgimento, nunca foram esquecidos. Ao se considerar essa longevidade dos contos de fadas reflete-se sobre os motivos que levaram à sua sobrevivência e disseminação universal, sendo encontrados em diversas regiões e culturas.

A importância dos contos de fadas para o desenvolvimento da subjetividade não é questionada, sendo inclusive uma área muito estudada por Bettelheim (2020), consagrado como pioneiro na interpretação dos contos de fadas a partir da teoria psicanalítica. Os contos são responsáveis por movimentar diversas questões internas do indivíduo, considerados por Hisada (2007) como uma linguagem universal da espécie humana, que fala sobre as angústias que o indivíduo não é capaz de verbalizar, além de sua importância ao representar conteúdos inconscientes.

Conforme Hisada (2007), Winnicott enfatizava a importância do brincar na vida dos indivíduos, inclusive como uma forma de comunicação na psicoterapia, não só para crianças como para adultos, sugerindo que estes façam o mesmo que as crianças fazem ao brincarem: “reunir fenômenos da realidade, utilizando-os a serviço de uma realidade interna ou pessoal” (p. 25). Essa comunicação através do brincar pode ser realizada também pela utilização de histórias, como um instrumento lúdico que incentiva a criatividade, permitindo que o paciente encontre um sentido para suas experiências, onde aspectos mais primitivos podem ser vividos.

Os benefícios do contato das crianças com os contos de fadas são de conhecimento geral pela população, sendo incentivado pela mídia através da grande divulgação e produção destas histórias. Porém, não há motivos para que estes benefícios sejam limitados apenas ao público infantil, posicionamento defendido por Hisada (2007). Através de estudos e pesquisas, entende-se que a aplicação de tais contos de forma terapêutica em pacientes adultos é possível e muito útil como forma de romper resistência e criar uma possibilidade de comunicação.

Existe a hipótese de que, utilizando os contos como mediadores, o processo de elaboração pelos adultos é facilitado, pois possibilita ao sujeito um acesso menos doloroso às suas questões subjetivas. Dessa forma, ao tratar de adultos com menos facilidade em falar de suas questões, por carregarem grande sofrimento, é possível fazê-lo de forma menos dolorosa ao falarem de si através de personagens de contos, além de fazê-lo chegar mais longe e expressar mais profundamente seus anseios, pois o indivíduo se esquece de si ao falar de si mesmo através dos contos (Tabaral & Port, 2015).

Com isso, é entendido que o uso dos contos com adultos traz grandes benefícios a eles, principalmente aos que não foram capazes de se desenvolverem plenamente na infância, e àqueles que possuem conteúdos infantis que não foram totalmente simbolizados pelo indivíduo em sua infância, que poderão fazer isso com a utilização dessas histórias em sua vida adulta (Peroni, 2019).

Portanto, reforça-se a importância da utilização dos contos como método terapêutico, além de seus benefícios para os possíveis pacientes. Este estudo não teve como objetivo esgotar o assunto abordado, considerando sua vastidão, desta forma, os futuros estudos sobre o tema são imprescindíveis para que se haja maior aprofundamento no assunto, sendo de grande serventia para profissionais da área, devido sua possibilidade de nova ferramenta terapêutica.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Maria. A Bela Adormecida e Malévola: uma análise de contos de fadas adaptados para o cinema. 2016. 60 p. Dissertação (Pós-graduação em Estudos Literários) - Unidade Acadêmica de Letras, Centro de Formação de Professores, Universidade Federal de Campina Grande. Paraíba, 2017. Disponível em:

<http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/bitstream/riufcg/9014/3/MARIA%20SOLANGE%20SILVA%20ARA%20c3%9aJO.%20TCC.%20ESP.%20EM%20ESTUDO%20LITER%20c3%81RIOS.2016.pdf>. Acesso em: 15 de março de 2022.

BETTELHEIM, B. **A psicanálise nos contos de fadas**. 40ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

CORSO, Diana; CORSO, Mário. **A psicanálise na terra do nunca**: ensaios sobre a fantasia. 1ª edição, Artmed Editora, 2009.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. **Fadas no Divã: Psicanálise nas Histórias Infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FALCONI, Isabela; FARAGO, Alessandra. Contos de fadas: origem e contribuições para o desenvolvimento da criança. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**, p. 85 a 111, Bebedouro, SP, 2015. Disponível em:

<https://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/35/06042015200330.pdf>. Acesso em: 10 de março de 2022.

HISADA, S. **A utilização de histórias no processo psicoterápico:** uma proposta winnicotiana. 2ª edição. Thieme Revinter, fevereiro de 2007.

JUNIOR, Paulo; THIES, Vania. Em busca dos contos de fadas na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, v. 26, p. 1 a 19, 2021. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/W8gxH4kzDsGwB3vgtngpW9r/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 de março de 2022.

PERONI, Ana Paula. Os contos de fadas e seu uso como ferramenta psicoterápica. **Revista interdisciplinar da Faresi**, Espírito Santo, v. 02, p. 32-51, 2020. Disponível em:

<https://farese.edu.br/wp-content/uploads/sites/6/2020/11/OS-CONTOS-DE-FADAS-E-SEU-USO-COMO-FERRAMENTA.pdf>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2022.

SAFRA, Gilberto. **Curando com histórias**. São Paulo: Edições Sobornost, 2011.

SCHNEIDER, Raquel; TOROSSIAN, Sandra. Contos de fadas: de sua origem à clínica contemporânea. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, MG, v. 15, n. 2, p. 132 a 148, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682009000200009>. Acesso em: 1 fev. 2023.

TABARAL, Lilian; PORT, Ilvo. Potencial terapêutico dos contos de fadas: uma análise voltada ao público adulto. **III Congresso de Pesquisa e Extensão da FSG**, Rio Grande do Sul, setembro de 2015. Disponível em:

<https://web.archive.org/web/20180503162734id/http://ojs.fsg.br/index.php/pesquisaextensao/article/viewFile/1641/1492>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2022.

TAVARES, Olívia, Os contos de fada e a violência de gênero: a metáfora do estupro em Malévola. In: VII SEMINÁRIO CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE, 2018, Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande, RS, 2018. Disponível em:

<<https://7seminario.furg.br/images/arquivo/80.pdf> .> Acesso em: 6 mar. 2023.

Contatos: martinesfee@gmail.com e brunapraxedes.freitas@mackenzie.br